



Mary Rummford

Educando a Mente

Belas Artes para o Estudante Universitário de Hoje

Norman L. Wendth

Tem-nos sido dito vez após outra que a presente geração de estudantes universitários é diferente. Eles são provavelmente mais sérios, mais motivados por seus próprios alvos. O declínio na contagem de pontos do Teste de Aptidão Escolástica (SAT) cessou, e pode estar-se invertendo. Minha experiência com estudantes que

tenho aconselhado recentemente tende a confirmar esta fofoca acadêmica que soa tão bem. Infelizmente, tenho percebido também outras mudanças nesta geração.

Os estudantes têm sempre estado ansiosos para usar de argumentos e escapar às exigências do curso quando quer que isto seja possível; neste aspecto os estudantes de hoje não mudaram. O que parece diferente, no entanto, é o tipo de argumentos que ouço contra as várias exigências da área de artes.

Não parece estar no passado distante a época quando a tentativa típica de evasão envolvia um zeloso jovem candidato ao

ministério trazendo consigo o livro *Testemunhos* com porções sublinhadas para a consultoria acadêmica a fim de convencer-me de que algumas histórias de pinturas “continham uma influência corruptora”, ou que “o conhecimento da música sem o conhecimento da arte culinária pouco vale”. Pintura, música, e literatura eram consideradas más até ficar provada sua utilidade.

Perigoso - Ou Inútil?

O estudante contemporâneo, de um modo geral, parece ter abandonado estes argumentos tradicionais. Em vez de um

Norman L. Wendth é professor associado de inglês no Pacific Union College em Angwin, California.



Mary Bumford

estudante de teologia, o representante dos estudantes agora parece ser o futuro contador profissional registrado (CPA), ou o futuro técnico em ciências médicas que argumenta a *inutilidade* em vez do *perigo* das artes. “Os executivos não lêem poesia”, explica um deles arrogantemente. “História da Arte não me leva à universidade”, observa um outro. Além do mais, a maioria deles tem a tendência de ser extremamente impacientes com as respostas que não parecem estar claras e intimamente relacionadas com sua carreira profissional. “Será que paga a pena?” insistem eles.

Eu deveria estar contente com um aspecto pelo menos, penso eu. As reclamações que não tomam dimensão político-religiosa são tratadas sob circunstâncias bem menos exaustivas. Dizendo simplesmente “estas são as exigências mínimas” freqüentemente é o suficiente, e com um encolher de ombros meus conselhos se transferem para outros assuntos. É lógico que esta manobra evasiva não os convenceu do valor das artes, mas pelo menos não gastei meu tempo nem energia tampouco.

Temo, no entanto, que tais encontros de aconselhamento superficial são na realidade um sinal de que nossos novos alunos não aceitam nossos alvos educacionais tradicionais – na verdade, imagino que nem sequer sabem que eles existem. Refiro-me, logicamente, à velha idéia de que a educação em um de nossos colégios adventistas deve ter causado uma mudança nos seus diplomados, deve ter orientado sua personalidade e caráter para novos e melhores horizontes, e deve ter feito deles melhores homens e mulheres. Pelo menos os estudantes ministeriais e eu sempre concordamos neste alvo básico. Nossos argumentos sempre discorreram sobre casos específicos como: Não era Picasso um tanto perigoso? Será que a apreciação pela música o ajudará a apreciar Jesus? Não foi Milton de mais valor do que Hawthorne? Sem dúvida, as artes têm o poder de mudar as pessoas – e exatamente isto é que os preocupava.

Hoje em dia, uma possibilidade mais alarmante se apresenta – objeções às exigências da área de artes podem indicar mais do que simplesmente septicismo a respeito do poder das artes. Os estudantes podem crer que não há razão para mudanças! Tendo-lhe sido dito vez após outra que “você está indo

bem”, ou ainda que virtude significa expressar seus próprios sentimentos, eles sentem-se bastante satisfeitos consigo mesmos. Vieram, portanto, à faculdade com o propósito único de prepararem-se para alguma carreira técnica de bons rendimentos salariais. E quando cada item é julgado apenas por sua contribuição para com uma “linha fundamental” financeira, não deveríamos surpreender-nos ao descobrir que tais estudantes consideram música, artes, e literatura como uma perda de tempo total.

Poder de Transformar Vidas

O simples murmurar que “os programadores de computação precisam conscientizar-se também dos grandes monumentos do intelecto humano”, denuncia nossos valores tradicionais. Sim, as artes podem ser ensinadas com a finalidade de prover atração pragmática. Pode haver recompensas financeiras pelo corte cultural de nomes. Progresso profissional pode resultar do adquirir boa habilidade para escrever. As artes e a literatura oferecem informações úteis sobre o mundo em que vivemos. Se ensinarmos artes apenas sob este aspecto entretanto, nossos alunos fariam bem em freqüentar faculdades seculares da comunidade. Se realmente cremos em educação adventista, precisamos fazer muito mais. Precisamos ensinar música, artes, e literatura de tal maneira que os alunos sintam seu poder para transformar vidas. Outrossim, precisamos explicar claramente aos alunos novos que estamos deliberadamente determinados a converter o intelecto e refinar e sensibilizar a tecnocracia.

Em outras palavras, precisamos salientar novamente a necessidade de educar a mente. Este conceito familiar não parece ter ocorrido a muitos de nossos alunos, e pode até ter sido um tanto esquecido por alguns de nós. Porém, as artes transformam as pessoas pela influência sobre a mente. Como dirigir adequadamente esta transformação é o assunto que as exigências de nossas áreas de belas artes têm tratado tradicionalmente.

Serei mais específico. Que tipos de mudanças ou transformações as artes oferecem aos jovens técnicos? Primeiramente, estes jovens devem esperar que suas simpatias vão ampliar-se. O ponto de vista puramente pragmático do mundo em geral é invariavelmente centralizado no eu. As artes oferecem uma perspectiva mais ampla – sendo

considerada sob a percepção dos olhos do outro. Este relacionamento interpessoal amplia o mundo individual do participante e desenvolve sua simpatia pelos outros. Frequentemente nós falamos da boca p'ra fora apenas sobre a idéia de "andar uma légua com os sapatos de outrem"; as artes nos proporcionam os meios para fazer exatamente isto. C. S. Lewis expressa-se muito bem:

"Uma das coisas que sentimos ao ler uma grande obra é 'agora consigo sair desta'. Ou sob um outro ponto de vista, 'agora estou por dentro'; penetrada a concha de algum outro mônade e descoberto como são as coisas lá por dentro.

"A boa leitura, portanto, embora não seja essencialmente uma atividade moral, intelectual, ou afetiva tem alguma coisa em comum com as três áreas. No amor escapamos do nosso próprio eu escondendo-nos uns nos outros. Na esfera moral, cada ato de justiça ou caridade envolve o colocar-nos a nós mesmos no lugar de outra pessoa assim transcendendo nossa própria particularidade competitiva. Para compreender qualquer coisa estamos rejeitando os fatos como eles são para nós a favor dos fatos como na realidade o são. O impulso primário de cada um é manter-se e engrandecer-se a si mesmo. O impulso secundário é sair de si mesmo, corrigir seu provincialismo e curar sua solidão. No amor, na virtude, na busca do conhecimento, e na aceitação das artes, estamos fazendo isto. Obviamente, este processo pode ser descrito tanto como um engrandecimento como uma aniquilação temporária do eu. Mas isto é um velho paradoxo; "aquele que perder a sua vida, salvá-la-á."

Pode alguém duvidar que a afirmativa acima descreve positivo desenvolvimento moral?

Consciência, Desenvolvimento, e Maturidade

Desenvolvimento emocional e maturidade podem também ser promovidos através das artes. A música por exemplo, é de maneira lógica semelhante às formas dos sentimentos humanos (Susanne Langer no livro *Philosophy in a New Key* denomina a música como um análogo tonal da vida emotiva). Uma sinfonia de Beethoven, portanto, pode conduzir-nos através de formas de emoções não discursivas que

são mais complexas do que nosso padrão habitual de emoções, ou que simplesmente atuam de maneira diversa. Podemos assim, em certo sentido "praticar" a experiência de reações psicológicas maduras. (Kenneth Burke no livro *The Philosophy of Literary Form* demonstra como isto funciona igualmente com a literatura.) Desenvolvimento emocional pode não resultar em imediato avanço na carreira profissional, mas ninguém deve conseqüentemente questionar seu valor.



May Rumford

A riqueza adicional que as artes nos podem ensinar a descobrir na vida diária tem sido salientada repetidas vezes. Não precisamos ir ao extremo d'um Oscar Wilde para notar quão diferente nosso mundo se afigura depois de uma pintura nos ensinar a ver nossos arredores como nunca o havíamos experimentado antes. Vemos uma paisagem natural com a mesma apreciação depois de contemplar uma obra de Turner? Ou de Monet? Vemos o rosto no espelho agora da mesma maneira que antes de conhecermos Picasso e suas obras? Raramente compreendemos quanto a instrução sutil de nossos grandes artistas contribuíram para enriquecer e ampliar nosso consciente do mundo visual. Não é esta riqueza, esta transformação de maior valor do que a recompensa monetária encontrada numa folha de balanço?

Santificando a Mente

As artes exercem, semelhantemente, influência sobre nós em muitos outros aspectos, mas o mais importante deles me parece ser a santificação da mente. Presumo que o desdém por todas as coisas que não se apresentam imediatamente úteis, demonstrado pelos

alunos a quem tenho aconselhado atualmente, é resultante em parte da sua mente ter sido educada primariamente pela cultura popular americana, especialmente a televisão. Não importa quão bem doutrinados estejam com a teologia adventista, sua mente vive num mundo criado por programas tais como "Dinastia", e "O Barco do Amor". Embora a televisão desafie por vezes ensinos específicos dos adventistas, o maior perigo provém do mundo artificial criado por seus programas e propagandas – um mundo no qual os valores são materiais ou convencionais, onde os costumes de moralidade são relativos. Onde está a mente, aí estará também o coração.

A mente santificada, por outro lado, vê no mundo santidade. Muitos de nós já lemos a autobiografia espiritual de Lewis, *Surprised by Joy*, e lembramos como ele foi influenciado pela obra de George MacDonald, intitulada *Phantastes*. "Naquela noite minha mente foi, em certo sentido, batizada", escreve ele; "o resto do meu ser, não contra as leis da natureza, levou mais tempo". Levou mais tempo, sim, mas aconteceu; inexoravelmente a vontade e o intelecto seguiram a mente.

Não quero com isto dizer que as artes nos converterão – este trabalho depende do relacionamento da nossa vontade com o Espírito Santo. Entretanto, as mudanças genuínas que as artes podem causar na mente desempenham um papel relevante na grande transformação. Isto é apenas uma razão a mais porque a mente dos estudantes deve ser educada, firmemente fundamentada numa concepção santificada da vida no mundo.

Crer na "inutilidade" das artes, portanto, pode indicar a necessidade de uma educação da mente, uma necessidade que as próprias exigências que estão sendo protestadas se propõem a tratar. Em minha opinião, o valor primário das artes para nossos universitários técnicos é que seu poder ajuda a patrocinar transformações e crescimento, promovendo assim o alvo primário da educação adventista. Portanto, enquanto os nossos colégios e universidades retiverem o desenvolvimento do caráter como prioridade primordial na educação, necessitaremos colocar na lista o auxílio destes poderosos instrumentos educacionais.

considerada sob a percepção dos olhos do outro. Este relacionamento interpessoal amplia o mundo individual do participante e desenvolve sua simpatia pelos outros. Frequentemente nós falamos da boca p'ra fora apenas sobre a idéia de "andar uma légua com os sapatos de outrem"; as artes nos proporcionam os meios para fazer exatamente isto. C. S. Lewis expressa-se muito bem:

"Uma das coisas que sentimos ao ler uma grande obra é 'agora consigo sair desta'. Ou sob um outro ponto de vista, 'agora estou por dentro'; penetrada a concha de algum outro mônade e descoberto como são as coisas lá por dentro.

"A boa leitura, portanto, embora não seja essencialmente uma atividade moral, intelectual, ou afetiva tem alguma coisa em comum com as três áreas. No amor escapamos do nosso próprio eu escondendo-nos uns nos outros. Na esfera moral, cada ato de justiça ou caridade envolve o colocar-nos a nós mesmos no lugar de outra pessoa assim transcendendo nossa própria particularidade competitiva. Para compreender qualquer coisa estamos rejeitando os fatos como eles são para nós a favor dos fatos como na realidade o são. O impulso primário de cada um é manter-se e engrandecer-se a si mesmo. O impulso secundário é sair de si mesmo, corrigir seu provincialismo e curar sua solidão. No amor, na virtude, na busca do conhecimento, e na aceitação das artes, estamos fazendo isto. Obviamente, este processo pode ser descrito tanto como um engrandecimento como uma aniquilação temporária do eu. Mas isto é um velho paradoxo: "aquele que perder a sua vida, salvá-la-á."

Podem alguém duvidar que a afirmativa acima descreve positivo desenvolvimento moral?

Consciência, Desenvolvimento, e Maturidade

Desenvolvimento emocional e maturidade podem também ser promovidos através das artes. A música por exemplo, é de maneira lógica semelhante às formas dos sentimentos humanos (Susanne Langer no livro *Philosophy in a New Key* denomina a música como um análogo tonal da vida emotiva). Uma sinfonia de Beethoven, portanto, pode conduzir-nos através de formas de emoções não discursivas que

são mais complexas do que nosso padrão habitual de emoções, ou que simplesmente atuam de maneira diversa. Podemos assim, em certo sentido "praticar" a experiência de reações psicológicas maduras. (Kenneth Burke no livro *The Philosophy of Literary Form* demonstra como isto funciona igualmente com a literatura.) Desenvolvimento emocional pode não resultar em imediato avanço na carreira profissional, mas ninguém deve conseqüentemente questionar seu valor.



Mary Rumford

A riqueza adicional que as artes nos podem ensinar a descobrir na vida diária tem sido salientada repetidas vezes. Não precisamos ir ao extremo d'um Oscar Wilde para notar quão diferente nosso mundo se afigura depois de uma pintura nos ensinar a ver nossos arredores como nunca o havíamos experimentado antes. Vemos uma paisagem natural com a mesma apreciação depois de contemplar uma obra de Turner? Ou de Monet? Vemos o rosto no espelho agora da mesma maneira que antes de conhecermos Picasso e suas obras? Raramente compreendemos quanto a instrução sutil de nossos grandes artistas contribuíram para enriquecer e ampliar nosso consciente do mundo visual. Não é esta riqueza, esta transformação de maior valor do que a recompensa monetária encontrada numa folha de balanço?

Santificando a Mente

As artes exercem, semelhantemente, influência sobre nós em muitos outros aspectos, mas o mais importante deles me parece ser a santificação da mente. Presumo que o desdém por todas as coisas que não se apresentam imediatamente úteis, demonstrado pelos

alunos a quem tenho aconselhado atualmente, é resultante em parte da sua mente ter sido educada primariamente pela cultura popular americana, especialmente a televisão. Não importa quão bem doutrinados estejam com a teologia adventista, sua mente vive num mundo criado por programas tais como "Dinastia", e "O Barco do Amor". Embora a televisão desafie por vezes ensinamentos específicos dos adventistas, o maior perigo provém do mundo artificial criado por seus programas e propagandas – um mundo no qual os valores são materiais ou convencionais, onde os costumes de moralidade são relativos. Onde está a mente, aí estará também o coração.

A mente santificada, por outro lado, vê no mundo santidade. Muitos de nós já lemos a autobiografia espiritual de Lewis, *Surprised by Joy*, e lembramos como ele foi influenciado pela obra de George MacDonald, intitulada *Phantastes*. "Naquela noite minha mente foi, em certo sentido, batizada", escreve ele; "o resto do meu ser, não contra as leis da natureza, levou mais tempo". Levou mais tempo, sim, mas aconteceu; inexoravelmente a vontade e o intelecto seguiram a mente.

Não quero com isto dizer que as artes nos converterão – este trabalho depende do relacionamento da nossa vontade com o Espírito Santo. Entretanto, as mudanças genuínas que as artes podem causar na mente desempenham um papel relevante na grande transformação. Isto é apenas uma razão a mais porque a mente dos estudantes deve ser educada, firmemente fundamentada numa concepção santificada da vida no mundo.

Crer na "inutilidade" das artes, portanto, pode indicar a necessidade de uma educação da mente, uma necessidade que as próprias exigências que estão sendo protestadas se propõem a tratar. Em minha opinião, o valor primário das artes para nossos universitários técnicos é que seu poder ajuda a patrocinar transformações e crescimento, promovendo assim o alvo primário da educação adventista. Portanto, enquanto os nossos colégios e universidades retiverem o desenvolvimento do caráter como prioridade primordial na educação, necessitaremos colocar na lista o auxílio destes poderosos instrumentos educacionais.